



Sujeito em Cenas: pesquisa (auto)biográfica e a Pedagogia Congadeira

Rafael Honorato de Lima

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Brasil

Prefeitura Municipal de Uberaba, Brasil

Danilo Seithi Kato

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Brasil

RESUMO

As narrativas por aqui transcritas tratam-se de um recorte metodológico que se origina de uma pesquisa (auto)biográfica dialogada em cenas, intitulada Pedagogia Congadeira: Germinações de uma Proposta para Educação das Relações Étnicos Raciais. Tecemos esse artigo a partir dos questionamentos: A (auto)biografia pode auxiliar no desbravamento e formação do sujeito? Como a metodologia (auto)biográfico em cenas contribui para estabelecimento de uma Pedagogia Congadeira? Objetivando analisar e compreender as possibilidades/potencialidades do método (auto)biográfico na formação do sujeito, propondo a reflexão sobre os fundamentos da pesquisa (auto)biográfica com transição em cenas e as suas possíveis contribuições para estabelecimento da Pedagogia Congadeira, sendo elementos que se complementam para uma melhor compreensão de dimensão da realidade pesquisada, ciclo espiralado que cingem do individual ao coletivo, desbravando espaços e tempos educacionais do sujeito (auto)biográfico, tendo como atores principais a Congada e o Congadeiro, efetivando dispositivos da Lei 10.639/2003 fortalecendo elos entre as vivências e os saberes, tessituras reconstrutivas da significação de suas experiências.

PALAVRAS-CHAVES: Autobiografia. Lei 10.639/2003. Educação Étnico Racial. Pedagogia Congadeira. Congada.

SUJETO EN ESCENAS: INVESTIGACIÓN (AUTO)BIOGRAFÍA Y PEDAGOGÍA CONGADEIRA

RESUMEN

Las narraciones aquí transcritas son un corte metodológico que tiene su origen en una investigación (auto)biográfica dialogada en escenas, titulada Pedagogía Congadeira: Germinaciones de una Propuesta para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales, tejeremos este artículo a partir de las preguntas: El (auto) ¿La biografía puede ayudar en la exploración y formación del sujeto? Y cómo la metodología (auto)biográfica en escenas contribuye al establecimiento de una Pedagogía Congadeira. Con el objetivo de analizar y comprender las posibilidades/potencialidades del método (auto)biográfico en la formación del sujeto, proponiendo una reflexión sobre los fundamentos de la investigación (auto)biográfica con transición en escenas y sus posibles contribuciones para el establecimiento de la Pedagogía Congadeira , siendo elementos que se complementan para una mejor comprensión de la

dimensión de la realidad investigada, un ciclo en espiral que va de lo individual a lo colectivo, siendo pioneros en los espacios y tiempos educativos del sujeto (auto)biográfico, teniendo a Congada y Congadeiro como actores principales, poniendo en vigor las disposiciones de la Ley 10.639/2003, fortaleciendo los vínculos entre experiencias y saberes, texturas reconstructivas del sentido de sus experiencias.

PALABRAS CLAVE: Autobiografía. Ley 10.639/2003. Educación Étnica Racial. Pedagogía Congadeira. Congada.

SUBJECT IN SCENES: (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH AND CONGADEIRO PEDAGOGY

ABSTRACT

The narratives herein transcribed are from a methodological approach that originates from (auto)biographical research dialogued in scenes entitled Congadeiro Pedagogy: Germinations of a Proposal for the Education of Racial Ethnic Relations (Pedagogia Congadeira: Germinações de uma Proposta para Educação das Relações Étnicos Raciais). We weave this article from the questions: Can a(n) (auto)biography help in the exploration and formation of the subject? How does the (auto)biographical methodology in scenes contribute to the establishment of Congadeiro Pedagogy? Aiming to analyze and understand the possibilities/potentialities of the (auto)biographical method in the formation of the subject, we propose a reflection on the fundamentals of (auto)biographical research with transition in scenes and their possible contributions to the establishment of Congadeiro Pedagogy. These contributions include elements that complement for a better understanding of the dimension of the researched reality, a spiral cycle that ranges from individual to collective, pioneering educational spaces and times of the (auto)biographical subject (having Congada and Congadeiro as main actors), the provisions of Law 10.639/2003, the strengthening of links between experiences and knowledge, and reconstructive textures of the meaning of their experiences.

KEYWORDS: Autobiography. Law 10.639/2003. Racial Ethnic Education. Congadeiro pedagogy. Congada.

1 INTRODUÇÃO

Sob a vestes dos congadeiros, com corpo e espírito protegidos e abençoados pelos anciões, ornamentados de penachos, rosários, contas e guias, rezas e pensamentos, alinhados sobre uma ordem ancestre orquestrada pelo tempo, pelas alegrias e úlceras coloniais tomaremos bordo de nosso barco, batizado em águas doces com nome de “Honorato”, em menção e honra aqueles que vieram antes, vos convido a navegar por turbulentas águas, capitaneadas e ancoradas em autores e autoras que dão compreensão aos movimentos e marés das quais enfrentaremos, avistando terra seca que nos possibilitarão germinar nossas sementes ancestrais.

Figura 1 – Terno de Congada do Penacho, concentração Quartel General¹



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

É por esses mares e linhas que exerço meu ato político de escrever, tomando posse e me tornando sujeito de meus caminhos, sendo autor e autoridade da minha própria história, me opondo as vaidades coloniais legitimando uma realidade que nem se quer foram nomeadas, essas escritas tem alicerces em nossas subjetividades, percepções e narrativas, que circulam e interagem entre si, dialogando com meu povo, com autoras/autores que credibilizam e fundamentam nossos, mares, encruzas e caminhos por uma educação que faça e seja sentido para e pelo povo preto.

♪♪♪♪... “Vou peneirando o mar,
Vou peneirando o mar,
Não sei o que vou achar,
Não sei o que vou achar” ...♪♪♪♪

Em um movimento de peneira, refinando nossos achados e procurados, (re) conectaremos nossos conhecimentos. Dando, sendo e buscando sentido através de pesquisas em artigos, monografias, teses, dissertações, livros, cantos, análises e reflexões de autoras/autores que se mantêm em resistência, em busca da efetivação e continuidade de uma

¹ A figura apresentada no artigo faz parte da dissertação de um dos autores, intitulada Pedagogia Congadeira: germinações de uma educação para as relações étnico-raciais, defendida em 2023.

Educação para as Relações Étnicas Raciais, dialogando com a decolonialidade e os saberes populares.

E por esses achados dialogaremos no sentido de responder o questionamento: Como a (auto)biografia pode auxiliar na construção do sujeito? Objetivando analisar e compreender as possibilidades e potencialidades dos métodos (auto)biográfico na formação do sujeito, propondo a reflexão sobre os fundamentos da pesquisa (auto)biográfica e as suas possíveis contribuições na formação do sujeito. Fazendo uso de estudos bibliográficos e relatos (auto)biográficos.

Desta forma, seguiremos os referenciais de Maria Helena Abrahão, Ana Margarida da Veiga Simão, Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Julia Guimarães Neves e Grada Kilomba, conhecedoras dessas águas e rotas, nos levam a elucidar uma tomada de consciência própria, possibilitando escritas reflexivas, reconhecendo suas habilidades cognitivas e emocionais, criando sentidos e (re) significando suas escolhas, construindo e desconstruindo um ser individual e coletivo.

Por aqui nos materializaremos não somente em forma de escritos sobre uma certa pedagogia e análise de métodos de pesquisa, e não exclusivamente sobre a congada, sendo a mesma um ato de resistência dançante, cantada sobre circularidades ancestrais, (re) significando as dores, as saudades e inúmeros estruturantes colonialistas.

Essas escritas são também a responsabilidade do meu ser, a apropriação de si, sair do mato, dos rincões que até outrora nos servia de abrigo, ecoar e elevar nossos tambores, louvores e corpos em espaços e condições as quais não tivemos acessos.

Por mais contundente que venha ser, o processo de libertação é um processo de ternura, amor e responsabilidade (Rufino, 2019).

2 “MARCHA DOBRADA DÁ O RITMO: A APROPRIAÇÃO (AUTO)BIOGRÁFICA E DIÁLOGO EM CENAS

♪♪♪♪...Dobrada a marcha, marcha dobrada,
eu e meus companheiros, e meus companheiros,
Vamos todos navegar,
Ô rema piloto, ô rema piloto,
A praia meu general...♪♪♪♪

Ao dobrar o toque e canto das marchas, os ancestrais pedem uma redobrada de atenção compreendendo a necessidade de olhar para si, juntos dos seus, ainda a bordo do barco

“Honorato”, transgrediremos esses escritos baseados e norteados em uma pesquisa narrativa, no contexto de uma abordagem qualitativa de investigação no campo da Educação, que nos levarão a logísticas de escritas e explanação das histórias vividas.

As narrativas autobiográficas revelam uma “busca ativa de desejos e realizações humanas, despertando possibilidades/potencialidades. A arte de narrar a própria história atrela-se à busca interior e imbrica-se com as dimensões espaço/tempo em que os sujeitos se encontram ao narrarem suas experiências”. A escrita de si apresenta-se, pois, como uma ferramenta por meio da qual as pessoas refletem sobre suas trajetórias e suas vivências construídas em contextos múltiplos: pessoal, familiar, escolar, profissional (Frison; Abrahão, 2019, p.3).

Ao escrever, o sujeito estimula o efeito de refletir sua jornada, de um outro tempo, de uma outra dimensão, possibilitando lembrar, recriar e (re) significar possibilidades estabelecidas junto ao outro, relacionando fatos e acontecimentos, uma obra partilhada, mapeando tempos e lugares ainda vivos e ativos em suas lembranças, articulando um movimento reflexivo com bases nas experiências vividas e construídas nos diferentes âmbitos e ambientes que vão do pessoal ao profissional, articulando teoria e prática nas escritas reflexivas onde as referências vem de encontro ao fato ocorrido, inspirando e agregando valores, de continuidade e disponibilidade educativa (SIMÃO; FRISON, 2019).

A narrativa (auto) biográfica como forma de situar o pesquisador, e a posição enunciativa que propicia as reflexões e o conhecimento produzido a partir do ato de narrar a própria história, tendo como ponto de partida e de chegada a experiência existencial do sujeito que escreve.

Simão e Frison (2019, p.74), afirmam que:

Histórias de vida são um potente recurso metodológico em pesquisa qualitativa, em especial quando o pesquisador se preocupa em compreender o narrador como arquiteto da própria vida. Entendemos que a teoria formulada por esses pesquisadores funciona na acepção de instrumento metodológico, com o qual é possível operar compreensivamente processos que marcam fatos de uma existência e, na interlocução com o sujeito da narrativa, imprimir-lhes sentido. Na construção de histórias de vida, investigamos a própria história marcada pela reflexão dos percursos pessoais, profissionais vividos e das práticas de (auto) formação e de autorregulação da aprendizagem

Aquele que narra sua história traz à tona momentos em que se confronta consigo mesmo, constituindo um modo próprio de investigação por meio de escritas reflexivas, relatos que assumem dimensões variáveis de diferentes nichos e vivências, vinculando a produção de sentido e conhecimentos emergidos das experiências vividas pelo sujeito, despertando possibilidades de construções e desconstruções do âmbito que o envolve (Simão; Frison, 2019).

É desse lugar que alimentaremos essas escritas e (re)significamos nossas andanças, singularizando as percepções e pluralizando nossas dimensões. Um processo que é atemporal, individual, íntimo e ao mesmo tempo coletivo, onde os significados são múltiplos e tomam sentidos na liquidez das vivências, desarticulando uma rigidez semântica, o que organicamente chamo de tempo espírito, que é a personificação, codificação e compreensão do sentir/sentido que se dá, de acordo com a era vivenciada e estado de espírito incorporado. O tempo citado não é o tempo cronometrado, sequenciado, mercadológico e cartesianista como nos é imposto, é a bagagem das experiências forjada no tempo orgânico, maturacional e fluídico, esse tempo é amparado pela essência de um espírito que carrega em seu âmago as memórias, os saberes, os sentidos, a hereditariedade, as subjetividades e suas heranças de continuidades.

Essa narrativa é germinada em um horizonte dotado de sensibilidade, de encontros, desencontros, encantos e descobrimentos, desarticulando esquemas de uma lógica objetiva e seletiva, que aprisiona pensamentos onde a racionalidade se torna racionalização, máquina de reprodução colonial e modernista. A objetividade modernista não pode sobrepor um sujeito de sensibilidade, em nome de um saber científico a dimensão da sensível é aniquilada. (Neves, 2022).

Imbuído na tarefa de escurecer observações e análises, mergulho em busca de teorias que nos ajudem a complementar e compreender nossa sensível, assimilando nossa historicidade, circulando entre os fatos empiricamente observados, enriquecendo-os com a compreensão histórica partindo do particular para a totalidade, como também a forma que essa singularidade é produzida dentro da totalidade (Souza, 2019).

Assim se manifesta a ampliação do que se entende como racionalidade, enquanto “o jogo incessante entre nossa mente que se organiza e dialoga com as aplicabilidades do mundo “real”, realizada por um sujeito que não é apenas a referência da natureza estruturante, mas é a representação de tudo aquilo que vivencia enquanto sujeito social (Neves, 2022).

Em um gesto coletivo e circular de ensinar e aprender, firmaremos nossas âncoras, sendo sujeito dos nossos tempos tomando posse dos caminhos, torneados de armadilhas e fantasmas coloniais que dilaceram nossos dias e nossas almas, descredenciando saberes e nos conduzindo ao esquecimento.

Essas armadilhas coloniais nos prontificam a materializar nosso axé, de diferentes maneiras. A utilizá-los em diferentes meios, assumindo um compromisso coletivo de continuarmos além de sobreviver, mas vigorar nossas raízes, desamarrando a magia branca colonizadora, utilizando como artefatos os cantos, encantos, poemas e escritas.

É nesse sentido que trataremos como artefato em estado transcrito/líquido e solúvel a descolonização desses caminhos, abrindo e afirmando novos campos de possibilidades,

perspectivas transgressivas a escassez, as armadilhas coloniais e aos invisíveis cercados cartesianistas, que calcificam mentes e aprisionam corpos, causando desencantos que flertam com o banzo cotidiano, a magia branca.

Júlia Guimarães Neves (2022) em seus escritos reconhece, não só a capacidade de ser um sujeito pensador, mas de se compreender como um sujeito de escolhas, decisões e ações, que se faz na história. Enquanto nossa ancestralidade se mantiver viva entre nós, permanecendo em contato com os modos de pensar e costumes de nosso povo, nos manteremos abertos ao autoconhecimento, em intenção da retrospectiva e prospectiva de um alguém que busca compreender como nos tornamos sujeitos.

A metodologia (auto)biográfica, usada como artefato dialógico para o desenvolvimento desse artigo nos dá aporte e fundamento para conectar vivências, partindo do sujeito singular, alçando as dimensões plurais, desconstruindo paradigmas rigidamente estruturados em métodos tradicionais de pesquisas, que distancia o ser/sujeito do sentir e se aprofunda nas sensações, limitações e potencializações de sua pesquisa, um sujeito (auto) biográfico, como descreve Neves (2022, p. 19):

O movimento que me leva da denúncia de um sujeito moderno ao anúncio de um sujeito (auto)biográfico acontece na passagem da ideia de um sujeito abstrato e ideal – um sujeito de destino inexorável – a um sujeito que cria a si mesmo na medida em que atribui sentidos à sua existência, e reconhece que sua história é marcada por experiências com o outro e com o mundo. A narrativa é, deste modo, o lugar de enunciação da vida e de anunciação do sujeito, “sua história de vida não é uma *déjàlà* a que a narrativa feita daria acesso, ela aparece em contrapartida como um dos espaços privilegiados de instituição do sujeito”. Enquanto lugar de construção da história e do próprio sujeito da história, a narrativa é o lugar de expressão da singularidade existencial que constitui, cada um de nós, o sujeito que é, o sujeito que está sendo, e o sujeito em seu devir: o sujeito (auto)biográfico tem a sua biografia constituída no e com o tempo.

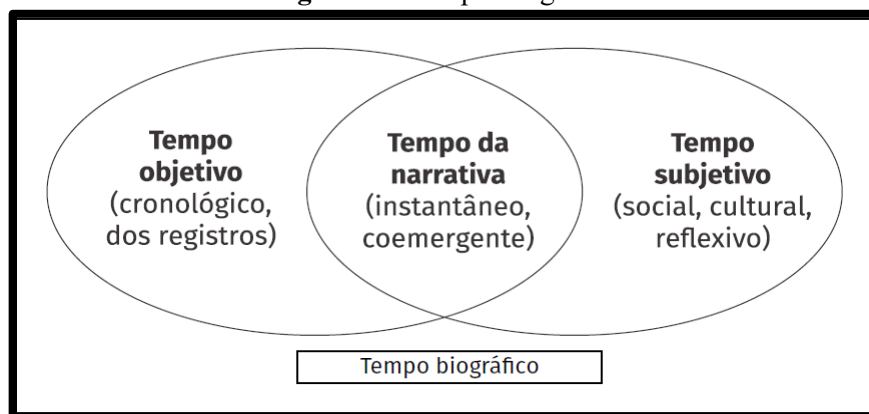
Referenciado em autores como Deleroy-Momberger, Ricoeur e Honório Filho, Simão e Frison (2020) discorrem, que as vivências estão interligadas com as memórias de fatos que aconteceram em um determinado lugar e em um espaço de tempo.

Definimos lugar como o encontro com a experiência, com representações importantes, marcado por um tempo singular vivido.

Ao tentarmos entender a temporalidade percebemos que há o tempo objetivo (cronológico, tempo dos registros); o tempo subjetivo (social, cultural, reflexivo); e, da intersecção destes dois tempos, o tempo da narrativa (instantâneo, coemergente, interativo,

único, sem possibilidade de reprodução). A integração desses tempos chamaremos de tempo biográfico (Simão; Frison, 2019).

Figura 2 – Tempo Biográfico



Fonte: Simão; Frison (2019, p.750).

Nessa ótica, entendemos que as memórias atemporais desmistificam lugares vividos em duas distintas dimensões – tempo e lugar – que revelam momentos e em que tempo se projetam, revisitando os fatos e lugares onde foram vividos, entendendo a temporalidade destacando que o tempo objetivo é construído cronologicamente e por meio de registros (Frison; Abrahão, 2019).

Em relação ao tempo de registro, destacamos que ele é construído por meio do diálogo, no ato da narrativa, na aproximação do sujeito que nos fala ou de alguém que fala a respeito dele, bem como de narrativas de outra natureza. (Simão; Frison, 2019, p.77).

O tempo subjetivo permeia a vida, o cotidiano que se dá nas relações familiares, sociais e culturais. O tempo da narrativa é a intersecção destes dois tempos, objetivo e subjetivo, compondo a história de vida de uma existência (Simão; Frison, 2019).

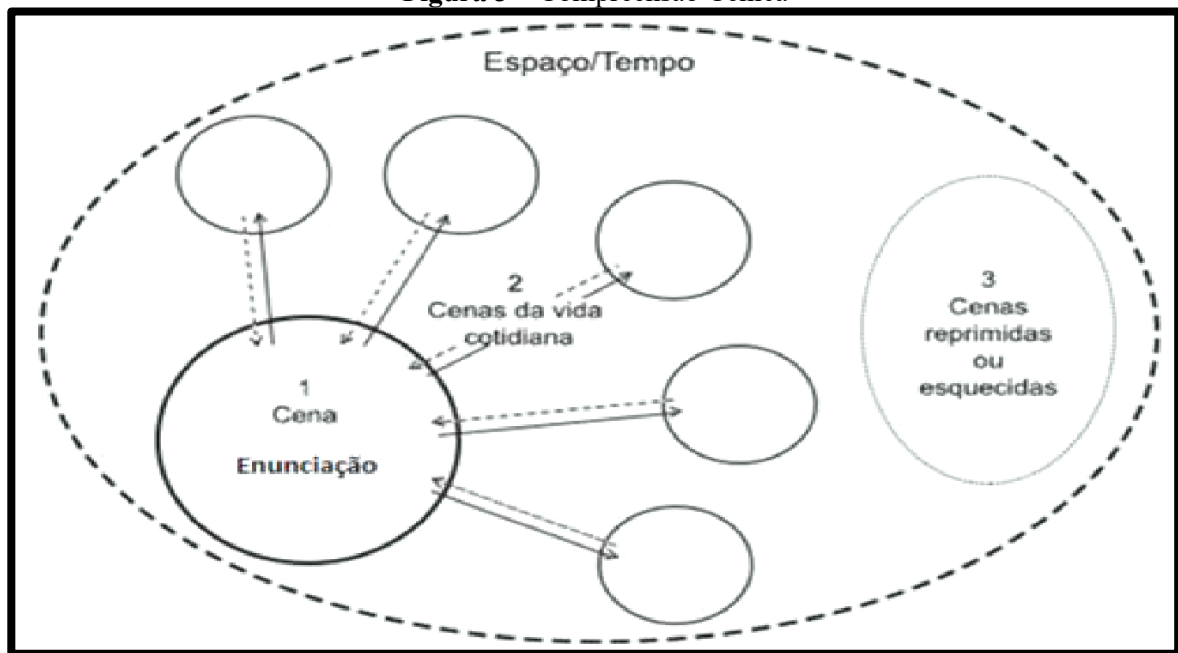
É um tempo que abrange a formação, o social, o cultural, marcados pelos eixos, pessoal e profissional. O tempo subjetivo pessoal de Maria Helena é demarcado por características que agregam delicadeza, amorosidade, generosidade, calma, sabedoria e gratidão (Simão; Frison, 2019, p.77).

No exercício de compreender essa organização do tempo, viveremos nosso o “tempo espírito”, que emerge do âmago maturacional do ser (auto)biográfico, valorizando as experiências, e a ótica onde o qual se encontra.

Maria Helena Abrahão e Lourdes Maria Frison (2019), em seus diálogos teóricos com José Miguel Marinas, entrelaçam seus meios e maneiras de se organizar, oxigenando as histórias de vida mediante cenas, ofertando movimentos e continuidades que se edificam desde a micro até a macroestruturas no sistema social”, demarcando as expressividades de um sujeito que pensa, reflete, escreve, anuncia seus sentimentos e suas vivências, propiciando uma construção de história de vida.

Essas histórias, organizadas em cenas, permitem aprimorar um esquema de interpretação que favorece uma leitura interligada das cenas do vivido ocorridas no momento da enunciação, com as cenas narradas do cotidiano, sem desprezar aquelas que possam ter sido esquecidas ou reprimidas pelo narrador. A essa metodologia, Abrahão, Frison (2019), reinterpretando Marinas, representa a compreensão cênica a partir de três cenas:

Figura 3 – Compreensão Cênica



Fonte: Simão; Frison (2019, p.81).

Essas cenas representam tempos e espaços biográfico-narrativos e se articulam para uma compreensão sistêmica mais orgânica e fluídica, assim, as três cenas corroboram para a estruturação de um conjunto sistêmico, em que o sentido do vivido/narrado nos espaços/tempos lhe dizem respeito, representam os planos da compreensão cênica, como discorre Abrahão e Frison (2019, p.9).

[...] o contexto vivido no passado, que inclui as lembranças resgatadas do que foi vivido, isto é, o contexto em que os fatos aconteceram; o contexto do presente, que se refere a como as pessoas compreendem e ressignificam o que viveram no momento em que ocorre a narrativa; e o contexto da narrativa, emergindo a possibilidade de afinar suas percepções em um diálogo em que a reciprocidade e a abertura se destacam como condição para a reflexão. Esses momentos revelam-se como processos intrínsecos à compreensão cênica, mediante os quais os sujeitos refletem e reelaboram os processos plurais do qual é despertado.

Ao compreender nossa embarcação seguirá os percursos e recursos naturais dessa narrativa (auto)biográfica, em uma viagem atemporal, o mesmo que nos trouxeram até aqui, desvelando um sujeito inacabado, composto de si e de outras/outros, analisando e refazendo

rotas, buscando regeneração e potencialização de sua historicidade, reconhecendo sua capacidade reflexiva sobre sua própria história, anunciando o sujeito do agora, avistando outras possibilidades de compressão, aquecendo os pensamentos e reacendendo a esperança em novos tempos pessoais, coletivos e globais.

♪♪♪...Lá em vem, rompendo aurora é dia...

Lá em vem, eu vejo o dia ô Maria...

Chegou o vencedor da guerra...

E o Sol brilhou atrás da serra...♪♪♪

3 (AUTO)BIOGRAFIA, O SUJEITO E A PEDAGOGIA CONGADEIRA

A (auto)biografia faz do congadeiro um sujeito de voz ativa, que transgride o tempo e se apropria de si, deixando de ser objeto de manobra da elite colonizadora, a qual fez e faz de si povos subalternizados, apagando suas histórias, folcloreando a vossa fé, embranquecendo nossas andanças e se apropriando dos rituais ancestrais advindos de África, como a miscigenação, o sincretismo e outras técnicas de domínios coloniais presentes e ativas no tempo.

A congada vem em contramão das táticas de guerrilhas imperiais, um movimento de subversão, que se emparelha dos objetos e organizações colonialistas, das heranças das guerrilhas como descreve Jeremias Brasileiro (2012), onde os negros participavam e muitas das vezes saiam condecorados exaltados e libertos, exercendo cargos figurativos diante ao seu povo, tomando posse de alguns instrumentos de guerrilha, como a espada, bastões, apitos, dragonas, caixas, entre outros, cantando suas dores, saudades e alegrias, sendo (re)existência a inúmeros processos colonizadores, transmitindo suas mensagens, dançando, pulando, sorrindo, e por vezes chorando, narrando a realidade e o tempo do qual pertencem

As narrativas míticas são formas de falar da realidade social do presente e do passado, sendo as narrativas reativadas na memória do grupo através dos rituais. Assim, celebrar e contar são formas de o grupo não esquecer quem é e quem foram seus antepassados, pois narrativas míticas e ritos estão imbricados. As narrativas míticas são formas de falar da realidade social do presente e do passado, sendo as narrativas reativadas na memória do grupo através dos rituais. Assim, celebrar e contar são formas de o grupo não esquecer quem é e quem foram seus antepassados, pois narrativas míticas e ritos estão imbricados de tal forma, que um depende do outro, e as formas organizativas reabastecem a consciência e o sentimento de pertencimento de seus integrantes por meio deles (Oliveira, 2018, p.102).

E assim o tempo discorre diferentes fontes históricas a fim de definir processo de organização da congada, que por aqui valorizaremos a historicidade múltipla da congada, oriunda de diferentes regiões do país, sustentado por autores como Mário de Andrade, Carlos Rodrigues Brandão, Florestan Fernandes, dentre outros, que vem na contramão de nossos diálogos de buscar definições. Deixaremos que o povo congadeiro se defina dentro de sua plenitude.

Assim confluímos com o método (auto)biográfico, potencializando histórias e povos, dando voz e vez aos congadeiros, para que se apropriem e sejam sujeitos de seus próprios caminhos, escrevendo, dialogando, cantando e dançando suas próprias histórias, vivenciando seus costumes, refletindo analiticamente as possibilidades/potencialidades e continuidades dos caminhos que os pertence, assumindo o protagonismo das cenas que os integra, congruindo o tempo que vos habita, protagonizando as cenas que se emergem nas lembranças e dizeres de seus ancestrais, dando sentido e sendo sentido em sua corporeidade musical, dando vida a Pedagogia Congadeira,

Sobre a luz da Lei 10.639/2003, a Congada adentra pela porta da frente nos ambientes escolares, representando o povo preto, preservando nosso sagrado e cultivando nossos saberes, olhando o mundo de uma outra perspectiva que vai além da travessia do Atlântico.

São múltiplas as possibilidades de vivenciar a Pedagogia Congadeira, amarradas a respostas que despertam os saberes múltiplos, sem enquadramentos, alimentando sua própria história, perante ao tempero do que sente, do que se vê, de como escuta, do que percebe a reflexão em seu tempo espírito, estimulando sentidos de diversidade de saberes e educações existentes, radicalizando o domínio frio engendrado colonial, despertando o autoconhecimento e descalcificando paradigmas cotidianos, intrínsecos e extrínsecos, credibilizando conhecimentos possíveis.

A Pedagogia Congadeira potencializado pelo método (auto)biográfico busca corromper as constantes formas de violência estimuladas pelo colonialismo, se posiciona contra as diferentes formas de castração, que minam potências estimulando mazelas, banzos e misérias espirituais, ativando os mecanismos de reparação da lei 10.639/2003 devem sempre estar ativos e inegociáveis:

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem

como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão (Brasil, 2004, p.11)

O método (auto)biográfico oportuniza a insurgência do sujeito como já descrito nos textos acima, potencializa reflexões e narrativas, emergindo possibilidades/potencialidades antes não discutidas ou se quer conversadas, desperta no ser congadeiro o encontro com suas lembranças mais internalizadas, exploradas através da ancestralidade, musicalidade e corporeidade.

A transição em cenas nos leva a reviver Sankofa, exercemos nossos ritos e simbologias exercitando sankofa, transmutando o tempo e (re)significando as demandas, vivenciando África e seus desdobramentos, nos assumindo enquanto sujeito de reconstrução de nossas histórias.

O ser congadeiro é um ser vibrante, resistente e alegre, que traz em seus lamentos ensinamentos e sensibilidades, desmantelando as impregnadas heranças dos tempos coloniais.

4 INCONCLUSÕES E POSSIBILIDADES

Ao confluir esses escritos orgânicos e fluídicos, personificados em uma estrutura (auto)biográfica e consultas bibliográficas, que nos possibilitou desbravar mares e marés, revivendo memórias, se apropriando de nossas histórias e desbravando possibilidades de processos de ensino aprendizagem, um diálogo atemporal, distante dos cercados coloniais que nos possibilitou e possibilita reflexões e análises, de como se processa o ensinar e o aprender numa perspectiva intrínseca (do singular para o plural), possibilitando diferentes processos de ensino-aprendizagem.

A metodologia (auto) biográfica e a transição em cenas, sustentada em autores com Maria Helena Abrahão, Ana Margarida da Veiga Simão, Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Julia Guimarães Neves e Grada Kilomba, nos leva a reflexões a partir de nossas memórias e vivências, as inspirações e escritas, interligando fatos em frequência atemporal, conectando as inúmeras dimensões que nos transgridem do singular para o plural, entendendo e sentindo intrínseco a organicidade das comunidades e vivências.

O método autobiográfico conduz o sujeito da escrita a explorar memórias e vivências, potencializando suas escritas, materializando o seu sentir e agir, insurgindo análises reflexivas que circundam do individual ao coletivo, possibilitando outros sentidos às suas ações estabelecidas junto ao outro, mapeando tempo e simbolismos ainda pulsantes em suas lembranças, edificando um sujeito integral, inspirando e agregando valores e continuidades.

Um sujeito que cria sua existência atribuindo sentidos, reconhecendo sua existência, baseadas em suas experiências individuais e coletivas, a transgressão de seu tempo espírito,

encarnam memórias e porquês de ações, evidenciando suas subjetividades e possibilidades e potencialidades, um sujeito que cria a si mesmo e atribui sentidos à sua existência para com o mundo que o integra.

O cruzo metodológico (auto)biográfico narrado em cenas emerge e estabelece uma Pedagogia Congadeira, sustentada na lei 10.639/2003, enriquecendo e destrinchando bagagens históricas dificilmente exploradas em salas de aulas, que permanecem enclausuradas esperando o soar de uma caixa para florir e colorir as possibilidades de aprendizagens, que se afloram da cultura afro-brasileira, que dialogam com a comunidade escolar e vão além sala de aula, desconstruindo paradigmas e possibilitando encontros de mundos, estimulando uma educação para as Relações Étnicos Raciais, estabelecendo uma Pedagogia Congadeira.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003*. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história afro-brasileira e africana*. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p.

FRISON, L. M. B.; ABRAHÃO, M. H. M. B. Compreensão cênica: possibilidade interpretativa de narrativas de (auto)formação de ex-pebidianas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/n8WvstpJgMJynpBRM5yMF7c/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 de set. 2022.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódio de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

NEVES, J. G. N. O mito do sujeito e o sujeito do mito: entre a racionalidade moderna e a racionalidade (auto)biográfica. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 14, n. 32, p. 10-2, maio/ago. 2022.

OLIVEIRA, R. P. de O. *Morte Tradicional em sociedade moderna: Os ritos de morte na comunidade dos Arturos*. Tese – (Doutorado em Antropologia), Pontifera Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. p.211. 2011.

SIMÃO, A. M. da V.; FRISON, L. M. B. História de vida em pesquisa (auto) biográfica: Circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 71-79, jan./abr.2020.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p.

SOUZA, T. P. *Áfricas: processos educativos presentes no terno de congada chapéu de fitas*. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014. 270f.

SOBRE OS AUTORES

Rafael Honorato de Lima é mestre em Educação, licenciado em Educação Física e Pedagogia, pós-graduado em Educação Social, Educação Física Escolar e Gestão Educacional. Conhecimento nas áreas de Dependência Química, danças da cultura Afro-Brasileira (Congado, Moçambique e afoxé) e em manuseio de ferramentas tecnológicas voltadas para área educativa. Coordenador de oficinas Esportivas e vice-diretor da Escola Municipal Professora Esther Limírio Brigagão, de Uberaba-MG.

E-mail: rafael.lima@edu.uberabadigital.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3106-3461>

Danilo Seithi Kato é graduado em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (2003), Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2008), e Doutorado no programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, na linha de pesquisa de formação de professores (2014). Atualmente é docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no Departamento de Educação em Ciências da Natureza, Matemática e Tecnologias (DECMT), vinculado ao Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE) no curso de Licenciatura em Educação do Campo. É credenciado, como professor colaborador, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM. Também é colaborador voluntário do Centro de Investigações de Metodologias Educacionais Alternativas Conexão (CIMEAC), associação sem fins lucrativos e de interesse público com enfoque em estudos sobre Educação Popular. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na formação de professores e em metodologia de ensino de ciências/biologia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de ciências, educação ambiental, educação popular, interculturalidade e decolonidade na educação.

E-mail: danilo.kato@uftm.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3065-6812>

*Recebido em 01 de agosto de 2023
Publicado em 16 de dezembro de 2023*